

FOLGUEDOS NATALINOS

MARACATU

THEO BRANDÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
Museu Théo Brandão

APRESENTAÇÃO

Uma apresentação para os trabalhos de Théo Brandão não deveria ser elaborada por um mero admirador de sua obra. Exige conhecimentos. Exige o sangue dos que dançam com o corpo e a alma sob os ritmos populares. Exige aquele embalo da viola chorona, do verso improvisado inteligentemente, das cores dos seus mateus, dos seus palhaços, das suas pastorinhas, dos seus... personagens que abastecem o quadro folclórico de Alagoas.

Não tenho a garganta para as cantigas de abrigão, de louvação ao dono da casa. Ignorado nos "entremeios", no máximo enveredo pela gulodice "dos pés de moleque, nos cuscus, de massa puba e de milho molhados com leite de coco, nas cocadas de coco verde, nos amendoins torrados, nos roletes de cana, nos pacotinhos de farinha de milho", (1)

Mas, atocaiado, o jeito que há é obedecer.

"Te ajoelha Guerrêro,
Vai cumprí a tua sina,
Botemo joelho em terra
Vamo rezá o Divino". (2)

Pois, sendo "papa-sururu", nunca afastado das margens lamacentas da Mundaú, não deixei de ser o índio que embora cansado, abatido, "mas ainda duelando, ora de joelhos, ora deitado, aos embolêus, espada na mão", (3)

"Eu fui preso nesta aldeia
Numa grande disciplina
Numa roda de navaia
Vou cumprí a minha sina". (4)

Théo Brandão é um patrimônio desta terra. Sua dedicação à cultura alagoana fá-lo imorredouro (se a ingratidão não incluiu entre tantos levados pela memória de Augusto Vaz Filho).

Daí, toda uma preocupação que possui a Universidade Federal de Alagoas em tomar a iniciativa de implantar o seu Museu

REITOR: Prof. Manoel Machado Ramalho de Azevedo

VICE-REITOR: Prof. João Azevedo

PRÓ-REITORES:

Prof. José Medeiros (Assuntos Estudantis e Comunitários).

Prof. José Damasceno Lima (Assuntos Acadêmicos)

Prof. Audálio Cândido dos Santos (Assuntos de Planejamento)

CHEFE DE GABINETE: Prof. Elias Passos Tenório

DIRETOR DO MUSEU THÉO BRANDÃO: Prof. Fernando Lôbo.

Coleção Folclórica da UFAL

Museu Théo Brandão, de Antropologia e Folclore

Convênio: UFAL / CBDF

de Antropologia e Folclore, como uma contribuição efetiva e permanente ao desenvolvimento sócio-cultural de Alagoas. Não mais uma instituição como tantas outras que morreram de inanição, marcando sua passagem entre nós, apenas, com o foguetório do nascedouro.

É o Museu, diferentemente dos que muitos possam entender, um órgão dinâmico. Não se constitui num mero depósito de material. Há um papel importante a desempenhar para o desenvolvimento de estudos, pesquisas sem se esquecer, evidentemente, da extensão, junto à comunidade.

Não se há de entendê-lo com simples promotor de exposições, nem se resumir num estimulante no arido esfuziante dos folguedos que promove, porém compreendê-lo como instrumento pragmático, inclusive. Capaz de servir adequadamente para o "estudo do homem e de suas obras".

Já os antropólogos antigos "estavam imbuídos da convicção de que o conhecimento das culturas humanas daria vantagens práticas aos homens - na redução da crueldade, miséria e ignorância". (5)

Várias iniciativas já foram tomadas para instalação de um Museu nesta área. Inclusive projeto foi apresentado na Câmara dos Deputados. (6)

Acredito, profundamente, na importância do Museu Théo Brandão e no seu relevante papel.

Orgulha-me (desculpe-me a inodéstia) ter sido um dos responsáveis pela sua implantação. Fi-lo por dois grandes motivos. Primeiro, não se pode deixar morrer esse grande potencial folclórico alagoano, riquíssimo. Segundo, uma admiração profunda por este grande homem e cientista Théo Brandão. Se me é permitido um conselho, faço carecendo aos intelectuais alagoanos, aos homens públicos e à comunidade que sejam capazes de compreender a valiosa contribuição que esse Museu Théo Brandão poderá prestar ao engrandecimento de Alagoas. (7)

Maceió, janeiro de 1976.

JOÃO AZEVEDO

O MARACATU

Conquanto em Pernambuco e durante muito tempo em Alagoas se tenham realizado os Maracatus por ocasião apenas do Carnaval, não erramos em incluí-los entre os folguedos natalinos.

Pereira da Costa, em Pernambuco, e Rodrigues de Carvalho, na Paraíba, assinalam realmente sua presença, tão só pelo Carnaval, mas dão a entender que aí aparecem como "reminiscências apenas", o que nos leva a crer, portanto, que deveriam aparecer, como realmente apareciam em outras oportunidades.

Em Alagoas tínhamos já o depoimento de Alfredo Brandão que afirmava ser o Maracatu, na época em que o presenciou (em fins do século passado) "uma dança que se realizava pelo Natal". E já agora, no último ano, Natal de 1960-1961, apresentou-se, por ocasião dos festejos natalinos, um grupo de Maracatu de Bebedouro, remanescente dos tempos de Bonifácio Silveira, que dançou na "Festa" promovida pela Prefeitura Municipal.

O que não é de estranhar-se, pois em algumas regiões da América espanhola as diversões do Natal são chamadas de "Pre-Carnaval Navideño". Tantos são os divertimentos que freqüentam ora uma, ora outra época de baillados e disfarces. Entre nós mesmos, *Samba de Matuto*, *Caboclinhos* e *Caboclinhas* freqüentam e freqüentaram indiferentemente ou sucessivamente o Natal e o Carnaval. Também Bois e Burrinhas, embora não completos, como no Natal, saem muitas vezes pelo Carnaval.

Em Alagoas, aliás, nunca alcançaram os maracatus o brilho, a animação e o fausto que ainda hoje perderam nos maracatus pernambucanos, onde sua tradição se mantém viva e brilhante; em clube, ou antes, em nações cada vez mais numerosas

1. BRANDÃO, Théo - O GUERREIRO. DEC.

— Avulsos do Folclore de Alagoas
Maceió, 1964 - p.97

2. Idem, p. 16

3. Idem, p. 39

4. Idem, Idem, p. 36

5. PELTO, Peril J. — INICIAÇÃO AO ESTUDO DA ANTROPOLOGIA

— Tradução Waltensir Dutra. 2ª ed. Zahar

Ed. Rio. 1971 — p. 39

6. AZEVEDO, João. — Sínteses. Gazeta de Alagoas, 13.II.1964.

7. AZEVEDO, João. — Sínteses. Jornal de Alagoas, 30.II.1975.

e mais ricamente trajadas. Sempre foram, entre nós, mais pobres, pouco numerosos, menos freqüentados e animados; e o que parece ter acontecido em Paraíba e no interior de Pernambuco, não eram propriamente maracatus de nação, isto é, integrados de negros autênticos, de ambos os sexos, mas de clubes em que indivíduos do sexo masculino, do mais variado stock racial, se travestiam de negros e negras da costa, pintando-se os braços, rostos e pernas com tinta preta e vestindo os homens trajes femininos. Apenas um maracatu, recolhido por Abelardo Duarte — o Cambinda de Ouro — é que era totalmente integrado por negros autênticos, que aliás estavam ligados a um dos terreiros de xangô da Capital.

Talvez porque em Alagoas as irmandades de pretos — São Benedito e N. S. do Rosário — nunca tivessem realizado a instituição do Reinado dos Congos, da qual seguramente deriva o Maracatu.

Esses maracatus, simplesmente desfiles ou cortejos reais, danças processionais, portanto, em vez de autos, são uma parte dos Reinados de Congos, que se não devem confundir com o auto dos Congos, mas são antes *re-interpretações*, isto é, reelaboraões, a nosso ver, dos impérios portugueses e das "reinações" francesas, naturalmente com a convergência de tradições caras aos africanos: a coroação de reis, o uso de dignidades, os desfiles reais. Nessas instituições tradicionais da Europa — as *reinações* e os *impérios*, se elegiam anualmente um Rei, uma Rainha, príncipes, dignitários, com assistência e beneplácito do poder civil e com a bênção e apoio do eclesiástico, formando-se antes e depois dos atos da eleição e coroação um desfile ou cortejo, durante o qual era costume levar-se na mão ou em charola a imagem do santo padroeiro. Parte final desses *impérios* e *reinações* era o Bodo ou refeição coletiva e os autos, danças e diversões que como apêndice, mas não obrigatoriamente, encerravam a festa: touradas, cavallhadas, danças de espadas e paulitos etc., tal como ainda hoje no Brasil acontece com as Festas do Divino Espírito Santo, São Benedito, N. S. do Rosário, etc.

Outrora, isto, é há 40 ou 60 anos passados, os maracatus proliferavam em Maceió e em inúmeras cidades do interior do Estado. É bem verdade que sempre contando com a má vontade do público e os jornais progressistas que naturalmente criticavam as suas danças e saracoteios bárbaros e monótonos. O Guttenberg, o mais importante órgão da imprensa de Alagoas no ano de 1905, dizia dos Maracatus: "Este ano temos a registrar a sensoria dos indefectíveis e detestáveis maracatus".

É possível que esta má vontade e as perseguições desencadeadas no começo da segunda década do século contra os terreiros africanos tenha contribuído para a retração e depois desaparecimento do folguedo, embora como notamos, não estivessem muitos deles intimamente ou diretamente ligados aos terreiros de culto afro-negro.

Não sendo propriamente um auto, o Maracatu não tem um assunto, um enredo ordenado para sua exibição. Não passa, como as Taiéiras, de um desfile e das danças que por ocasião do mesmo se celebram. E como naquela dança, antes do desfile, o bando ia sempre à Igreja do Rosário ou de São Benedito. E aí, todos os seus integrantes: Rei, Rainha, Princesa, Vassallos, Ministros, Conselheiros, Lanceiros, Busineiros, Porta-bandeira, Soldados, "Baianas" e tocadores (bombo, cuica e caixa), devidamente vestidos e paramentados: homens de calções curtos ou calças de cor e manto, mulheres de vestido branco, faixa à cintura, coroas e espadas, "baianas" de cabeções rendados, brancos, saias de cor, torços brancos, balangandans e sandálias, cantavam em frente à igreja:

*Só é a lua que brilha a luz
Deus do céu com seus primores,
Ajuéia, seu vassallo,
A Senhora do Rosaro.*

Daí seguia o cortejo, em duas filas, Rei e Rainha ao centro protegidos pelo pálio ou chapéu de sol, de cores vistosas, pelas ruas da cidade, a cantar entre saracoteios, umbigadas, cumprimentos, as marchas e as "peças" que se caracterizavam, como noutros Estados, pelo seu ritmo irrisistível, "ritmo marcado, batido, obsedante, convite frenético à dança, ao requebro, ao movimento. Ao mesmo tempo, na melodia, o grave caráter religioso" (Renato Almeida).

Algumas dessas danças e cantigas eram proferidas em irreconhecível ou presumível língua africana:

*Olelê, olêlê, Minha Santa Barba
Olelê, olêlê, é de congoroá!*

*Arruenda qui tenda, tenda,
É sarundê qui tenda ronhá.*

*Calurinda atenda, atenda
Calurinda qui tenda ronhá,
Calurinda foi embora
Calurinda eu vou buscá.*

*Nêgo da costa é de congoró
Sai nêgo, é de babá.*

*Ó Rimancha ô lêlê
Ó rimancha o paraná.*

Outras faziam referências a lugares e terras d'África, recordadas saudosamente pelos negros:

*Santa Barba da mina de ouro
Cadê minha nação, cadê meu tesouro?*

*Eu venho do má, eu venho,
Eu venho do má de Angola;
Eu venho da Costa da Mina,
Eu venho da Mina-Gerá.*

*Urou, urou mas não deu,
Na terra de Mina quem tirou morreu.*

*É Luanda, luanda mais aluanda.
É Luanda, nossa terra é aluanda.
É Luanda é fonção de nossa terra,
É Luanda, nossa terra é costa d'África
É Luanda, nossa terra é Moçambique.*

Mas a maior parte das cantigas fazia menção era ao próprio grupo, ao clube de maracatu em seus passeios ao seu desfile, à sua apresentação:

*Lêu, lêu lêu
Lêu de Portugal
Somos nós maracatu
Que salmos no Carnavá.*

*E, ê, ê, maracatuê,
Baiana do Centro todos venham vê.*

*Cantemos, cantemos, maracatuê,
Cambindas do Pôrto todos venham vê.*

*Briha o só e brilha a lua
E brilha as Cambindas hoje na rua.*

*Cambinda Nova que guerra venceu:
Foi Pôrto-Rico que apareceu.*

*Cantou, contô, ô meu secretario,
Cambindas do Pôrto é da Pajuçara.*

*A estrêla d'arva é quem vem coroando,
Cambinda do Pôrto é quem vai brilhando.*

Aí, nesses versos simples, notam-se referências aos diversos nomes pelos quais era e é conhecida a dança: maracatu (palavra africana, que quer dizer exatamente dança ou batuque), Cambinda — sinônimo de Maracatu e denominação de vários grupos (Cambinda Nova, Cambinda Velha, Cambinda do Porto, Cambinda de Ouro, Porto-Rico, nome de "nação" ou maracatu de Pernambuco; Baianas, nome das "figuras" do folguedo que por metonímia também denomina o conjunto.

Em suas cantigas referem-se ainda os maracatus a vários aspectos, trajes, tipos de danças, implementos, figurantes etc. Assim, numa cantiga, fala-se dos cordões de ouro que usavam:

*Ó Baiana, ô baiana
Ó que foi que perdeste?
Um cordão de ouro
Que meu pai me deu.*

ao traje azul ou encarnado, noutra:

*Que traje é êsse de maracatu?
Saia encarnada e sua tanga azu.*

O tipo de dança enuncia-se, ora com a dança de ponta de pé:

*alô, alô, massangana, é aloanda,
os pretinho de guiné, é aloanda,
Manda dizê nosso Reis é aloanda,
Dança de ponta de pé, é aloanda*

ora com o arrastar dos trazeiros no chão:

*Aproveita, meu povo, esta fonção,
Dança cambinada a estêra no chão.*

Aqui, nomeia a coroa real, o pavilhão e a "calunga" ou boneca:

*O rei coroado com seu pavilhão,
Pronde vai D. Rita com sua nação?*

*Cizau, cizau, cizau
Calunga de pau,
Cirahu calorada
O que dança maracatu,*

acolá, a rodilha ou o torço das baianas e o casamento do rei:

*O Rei trás à cena casá com a Rainha,
Baiana trazia uma rodinã.*

Numa cantiga enunciam-se os nomes de diversos dignitários e figurantes:

*Folga baianinha e folga bonito
Folga vassalo e folga ministro,
Folga baiana e folga ligêro,
Folga vassalo com seus conselhêro,*

noutra a bandeira ou estandarte:

*ô minha baianinha pronde tá oiando?
Pra'quela bandêra que tá coroando.*

E, às vezes, como nos Reisados e nas Baianas atuais, os sucessos e acontecimentos locais e ânuos apareciam nas cantigas:

*Maracatu vamos embora
Antes que o povo mangue;
Pegou fogo o tabulêro
E a campina grande.*

*Cambinda Nova
Me diga o que aconteceu?
o palhiço pegou fogo
E a cana verde morreu.*

Conquanto o maracatu consistisse apenas no desfile e nas danças saracoteadas e abaixadas com as cantigas características, havia, em certos casos, danças especiais. No maracatu de Viçosa, do preto Leocádio, dançava-se a dança do lenço, quando todos agitaram um lenço branco e cantavam:

*Essa noite, à meia noite,
Canaro, beija-fulô, idiá,
Mandei dizê à bela que lá não ia,
Canaro, beija-fulô, idiá.*

Parte integrante do folguedo era a "beijação" da Boneca e a Benção do Rei. A "beijação" existia no maracatu de Viçosa e consistia no ato de beijarem os integrantes do folguedo a boneca ou calunga, denominação Santa Bárbara, nome que esconde o orixá dos raios — Xangô que deu seu próprio nome, no Nordeste, ao culto religioso negro.

Ao beijar-se a calunga, cantava-se:

*ô que santo é êsse?
Nosso Reis Congo?*

Na bênção ou melhor bênção do Rei, como se diz em linguagem popular, as baianas se ajoelhavam perante o rei e a rainha e cantavam em coro:

*Marcha, marcha, minha cambinda,
Para no reino chegá?
Quatrupé, quatrupé, quatrupé de maraiá
Dá bença a nosso Reis,
A bença havemos de dá,
Quatrupé, quatrupé, quatrupé de maraiá.*

O Rei abençoava, então, as "baianas" e dizia:

*Deus te abençoe, minhas crioulinhas
Deus te faça duas gomadéras pra teu rei e tua rainha.*

Por sua vez a Rainha dizia:

Avulla, minhas crioulinhas,

e o coro respondia:

Sim, sinhó,

Igualmente, tal como acontece nos Reisados, intervalos da dança, o Rei chamava o seu Secretário:

*— O meu Secretário Jovenço
Como é que vós entráis nesse reinado
Sem me tomares a bença?*

*— Sim, sinhó, meu Reis Vitá,
Será já executado e queira me descupá*

*— Quero que as minhas criolinhas
faça uma pega que alegre oio de branco;
Que branco tá dizendo que preto não faiz nada que
(preste.*

Avulla, meu secretário

— Sim, sinhó —

*— Ouviram, minhas criolinhas, o carão que o rei te
(passou*

*— Ouvimo, sim sinhó,
Cortezia da rainha e bença do Imperadô.*

Há nessas "embaixadas" uma nítida influência dos Reisados, influência que iria ressurgir no Maracatu, que se apresentou na Festa de Natal do ano passado, em que ao lado das clássicas figuras dos maracatus apareciam um Mateu, uma Catirina e vários "entremeios".

Depois de cantarem pelas ruas da cidade, em frente da igreja, em largos ou praças, em palanques ou tablados, dão os maracatus, como os outros folguedos, as suas despedidas:

*Adeus, é tarde, já deu onze hora
Ricas cambindas vamos embora.*

*O vento que tráz me torna a levá
Maracatu vamos embora oia lá.*

